

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de S. Paulo Class.: 41

Data: 30/11/76 Pg.: _____

Após matar branco, tribo cerca a polícia

ESP-30, U, 76

Do Correspondente em SÃO LUÍS

Funcionários da Secretaria de Segurança Pública do Maranhão informaram ontem que oito policiais do III Batalhão de Polícia Militar, com sede em Barra do Corda, tinham sido cercados por índios **guajajaras** na subdelegacia do povoado de Arame, município de Grajaú, a mais de 500 quilômetros de São Luís. Os policiais haviam sido enviados àquele povoado para averiguar as causas da morte de um **posseiro**, ocorrida na última quinta-feira.

No entanto, o comandante do Destacamento do Interior da Polícia Militar, coronel Assis Vieira, informou ontem mesmo que os reforços enviados ao povoado haviam regressado a Barra do Corda, garantindo que a situação já se normalizara.

Recusando-se a dar maiores esclarecimentos, o coronel Assis Vieira argumentou que o assunto era de competência exclusiva da Funai.

Mas, na delegacia regional da Funai, os funcionários, alegando determinação do presidente do órgão, general Ismarth Araújo de Oliveira, recusaram-se a fazer qualquer comentário sobre o assunto.

ANTECEDENTES

Esse foi o segundo conflito ocorrido, em menos de dois meses, entre índios aculturados do grupo **guajajara** e os brancos atraídos pelo governo do Estado para ocupar economicamente a última fronteira agrícola do Maranhão, a região conhecida como Pré-Amazônia Maranhense. Na verdade, esse novo incidente já era esperado, apesar da advertência do general Ismarth de Araújo de Oliveira à delegacia regional da Funai de que não queria mais ouvir notícias sobre conflitos entre índios e brancos na área do posto indígena Angico Torto. Nesse local, há pouco mais de um ano, os **guajajaras** destruíram totalmente o povoado de Marajá.

Ao final de setembro, os **guajajaras** tinham expulsado de suas terras mais de cem "peões" que trabalhavam para a empresa Agropecuária Capoeira. Já em meados do ano passado, os índios haviam realizado com êxito uma operação semelhante, terminando de vez com a fazenda Fortaleza do Baluarte, uma grilagem que o INCRA e o governo do Estado não conseguiram extinguir na Justiça.

Durante esse período de um ano e meio de luta declarada — os **guajajaras** deram um prazo até 31 de julho de 1975 para que todos os invasores abandonassem suas terras —, quatro homens brancos morreram e centenas de casas foram incendiadas em onze povoados construídos por pioneiros. Além de não cumprir as promessas feitas aos índios, a Funai também tomou decisões que desagradaram os **guajajaras** e estimularam os brancos à nova investida sobre a área indígena. Uma dessas medidas foi o afastamento do chefe do posto indígena Angico Torto, Mário Murici, acusado pelos fazendeiros, posseiros, policiais e até pelo governador Nunes Freire de incitar os índios à rebelião.

A inquietação também aumentou porque a Funai não cumpriu a promessa de demarcar a área do posto Angico Torto.